

PROJETO ESPIRAL: UM PROJETO DE FORMAÇÃO DE MÚSICOS DE ORQUESTRA NO BRASIL

Mônica Leme

Esse trabalho é parte da pesquisa “Música de Concerto no Brasil (1964-97)” desenvolvida sob orientação do Professor Ricardo Tacuchian. Dentre as interfaces que essa pesquisa vem gerando, uma delas nos parece de vital importância para traçarmos um quadro de nossa música contemporânea: a questão da formação de músicos de concerto no Brasil. Essa comunicação focaliza o Projeto Espiral que se desenvolveu por iniciativa do Instituto Nacional de Música (INM), órgão responsável pela política cultural da Funarte na área da música.¹

O Projeto Espiral se dividia em duas frentes: a da formação de instrumentistas de cordas através do ensino coletivo e a da formação de *luthiers* na Oficina Escola de Luteria do Rio de Janeiro. Através de uma pesquisa documental, bibliográfica e de entrevistas com pessoas ligadas ao projeto, mostraremos alguns dos resultados alcançados pelo Espiral.

UM PROJETO DO INM:

O modelo institucional da Funarte, e conseqüentemente do INM, garantiu a criação de projetos fundamentais para a memória musical brasileira e para a formação de músicos. Segundo Valéria Peixoto, atual coordenadora de música da Funarte:

Havia nos quadros desta Instituição um predomínio absoluto de pessoas politicamente engajadas, artistas, produtores do mais alto gabari-

¹ A Funarte (Fundação Nacional de Arte), órgão vinculado ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC), foi criada em 1976 para ser o braço executivo do governo na área cultural. A estrutura da Funarte foi extinta em 1990 pelo Presidente Fernando Collor de Mello, retornando algum tempo depois com o nome de IBAC (Instituto Brasileiro de Arte e Cultura). O governo seguinte restituiu o nome original à instituição, mas mantendo somente uma percentagem reduzida de pessoal e programas. Ver também: Leite, Sebastião Uchoa, “Governo Collor: os dez meses que assolaram a cultura,” *Revista Piracema*, Funarte, 1990.

to, que entendiam a grande função social que tinham frente à realidade do país².

Essa característica institucional foi ressaltada por Isaura Botelho em sua tese de doutorado, *Por artes da memória: a crônica de uma instituição - Funarte*. Ela nos conta que: “A organização da Funarte era feita através de grupos-tarefa, conduzido por pessoal jovem, com conhecimento de suas áreas e sem os vícios do setor público”³. Essa competência rendeu muitos frutos, porque estava baseada em levantamentos cuidadosos das carências na área cultural. Essa política levou o INM a criar várias frentes de trabalho, e o Projeto Espiral foi uma dessas iniciativas.⁴

O Projeto Espiral foi criado em 1976 a partir da constatação de que a música de concerto no Brasil esbarra com os problemas de escassez de orquestras, falta de instrumentistas e de instrumentos, e o fato de que o núcleo principal de uma orquestra está nos instrumentos de cordas. O objetivo principal era o de abrir frentes para reverter esse quadro. Desenvolvido a partir da iniciativa do Maestro Marlos Nobre, que se baseou em experiência pioneira do Professor Alberto Jaffé, o Espiral procurou incentivar a iniciação instrumental de jovens de baixa renda através de processos pedagógicos modernos, rápidos e produtivos (com ensino coletivo dentro de um método adaptado a partir do Método Suzuki). Além disso, o projeto incentivou a formação de pequenas orquestras de cordas, mantidas por universidades, secretarias e entidades oficiais e particulares. Essas tiveram a função de ser um laboratório para esses jovens e uma abertura profissional para os estudantes mais adiantados. Outra frente importante do Projeto Espiral foi a criação da Oficina-Escola de Luteria em convênio com a Funabem, no Rio de Janeiro. Essa Escola, sob orientação do mestre Guido Pascoli, teve a função de formar jovens *luthiers* e de produzir instrumentos para o Projeto Espiral.

O Projeto Espiral teve como Coordenadores profissionais importantes do cenário musical brasileiro contemporâneo, dentre eles: Marlos Nobre, Gerson Valle, Erich Lehninger, Flávio Silva, Ricardo Tacuchian e Ernani Aguiar. Nas Coordenações regionais estiveram: Vasquen Fermanian, Henrique Müller, João Bosco da Silva Castro, Luiz Soler e Ivo Meyer. O Projeto teve também a participação dos mais importantes instrumentistas

² Peixoto, V., entrevista à pesquisadora, fevereiro de 1998.

³ Botelho, I., *Por artes da memória: a crônica de uma instituição - Funarte*, tese de Doutorado, São Paulo: ECA/USP, 1996.

⁴ Relatórios de atividades da Funarte, MEC/Funarte, 1976/91.

e professores na área de cordas, tanto brasileiros, como estrangeiros, dentre eles: Alberto Jaffé, Luiz Soler, Jerzy Milewski, Paulo Bosísio, Erich Lehninger, Ivo Meyer e Dayse de Luca.

AS FRENTES DE TRABALHO DO ESPIRAL

Na introdução dos Anais do *Encontro Nacional sobre Iniciação Instrumental de Cordas* realizado de 02 a 05 de dezembro de 1981 em Taguatinga no Distrito Federal, o então diretor do Instituto Nacional de Música, Maestro Edino Krieger, afirmava:

Quando se entregou um violino, uma viola ou um violoncelo nas mãos de mais de uma centena de operários, assistidos pelo SESI de Fortaleza, parecia uma experiência que terminaria como um sonho.

Em poucos meses a Orquestra de Cordas já se apresentava para a comunidade cearense e, em apenas cinco anos, 48 jovens migrariam para outros estados do Nordeste e do Sul, a fim de completarem seus estudos ou mesmo iniciarem sua carreira profissional.⁵

O Projeto Espiral iniciou-se em 1976 com a abertura de seis Núcleos de Formação de Instrumentistas de Cordas, com o apoio do SESI (Serviço Social da Indústria), de Secretarias Estaduais e de Universidades:

- Núcleo de Fortaleza, (criado em 1976) no SESI- Fortaleza;
- Núcleo de Brasília, (criado em 1976) no SESI- Taguatinga, DF;
- Núcleo de Recife, (criado em 1979) na Universidade Federal de Pernambuco, com apoio do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco;
- Núcleo de Belém, (criado em 1977) no Conservatório de Música Carlos Gomes, com o apoio da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado do Pará;
- Núcleo de Natal, (criado em 1979) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
- e Núcleo de Florianópolis, (criado em 1978) na Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Além desses Núcleos outros dois foram projetados sem se constituírem formalmente, o de Porto Alegre e o de João Pessoa.

⁵ Krieger, E., in *Projeto Espiral - anais do encontro nacional sobre iniciação instrumental de cordas*, MEC/Funarte, 1982.

No Rio de Janeiro a UNI-RIO (Universidade do Rio de Janeiro) teve um papel importante na execução do Projeto Espiral, como ressalta a Professora Salomea Gandelman:

Quando entrei na UNI-RIO, em 1981, o Professor Erich Lehninger estava trazendo para o Instituto Villa-Lobos jovens vindos do nordeste que integravam o Projeto Espiral. Esses rapazes e moças eram selecionados e recebiam uma bolsa de estudos para cursarem as classes de instrumentos, percepção, história da música, de forma livre. Não era dado certificado, mas o jovem podia aprimorar seus estudos com professores de grande prestígio, como o próprio Professor Lehninger.⁶

A OFICINA-ESCOLA DE LUTERIA DA FUNARTE

Esta foi criada em 1976. Começou funcionando inicialmente em uma dependência do Palácio do Catête e depois foi transferida para a Escola XV de Novembro da Funabem (Fundação Nacional para o Bem Estar do Menor) no Rio de Janeiro. Seu coordenador desde o início foi Guido Pascoli, verdadeiro criador de uma “Escola de Luteria Brasileira”. O trabalho desenvolvido na Escola de Luteria atraiu importantes convênios na área de pesquisa de madeiras brasileiras, uma alternativa para a fabricação de instrumentos. Colaboraram com o Espiral, nesse sentido, órgãos como o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal)/DF e o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia do CNPq.

OS SALDOS DO PROJETO ESPIRAL

O Projeto Espiral formou centenas de instrumentistas de cordas por todo o Brasil nos quase quinze anos de sua existência e muitos deles hoje integram orquestras sinfônicas pelo Brasil afora. Através da Escola de Luteria, o projeto formou dezenas de jovens no ofício da luteria, construindo centenas de instrumentos de corda que posteriormente foram doados às orquestras universitárias.

UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO, MAS QUE A “BURROCRACIA” SEPULTOU

“Sabemos que muito ainda está por fazer, mas temos a certeza de que os resultados do Projeto Espiral já não são apenas promessas...”. Com essas palavras o Maestro Edino Krieger terminava sua avaliação nos Anais do *Encontro Nacional sobre Iniciação Instrumental de Cordas*, em Taguatinga, em

⁶ Gandelman, S., entrevista concedida à pesquisadora, janeiro de 1999.

dezembro de 1982. Infelizmente o Projeto Espiral foi perdendo sua força ao mesmo tempo em que a Funarte ia perdendo prestígio, juntamente com toda a área cultural dentro do MEC. Depois do episódio de sua extinção em 1990 a Funarte renasceu, porém em bases mais burocráticas, sem a mesma estrutura institucional e com escassez de recursos, tanto financeiros quanto humanos, já que seus quadros se reduziram drasticamente. Em entrevista dada à equipe de nossa pesquisa o Maestro Edino Krieger afirmou que no Brasil o trabalho institucional na área cultural cria poucas raízes, pois o Brasil não tem instituições sólidas que consigam ter uma continuidade administrativa e uma estrutura imunes às mudanças na política e no poder.⁷

O Projeto Espiral foi uma experiência que não devemos esquecer, pois a música de concerto no Brasil recebeu muitos dividendos desse investimento. Iniciativas vitoriosas como esta devem ser divulgadas e incentivadas. Se projetos como este se mantivessem, estaríamos elevando o nível de formação de instrumentistas e de orquestras por todo o país numa proporção geométrica. Isso sem dúvida teria marcantes reflexos na música de concerto contemporânea brasileira.

⁷ Krieger, E., entrevista à equipe da pesquisa “Música de Concerto no Brasil (1964/97)”, 1998.